



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
CURSO ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE GEOGRAFIA**

**VANESSA VASCONCELOS DA SILVA**

**A CATEGORIA REGIÃO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: PRÁTICAS DIDÁTICO-  
PEDAGÓGICAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO.**

**CAMPINA GRANDE  
2021**

VANESSA VASCONCELOS DA SILVA

**A CATEGORIA REGIÃO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: PRÁTICAS DIDÁTICO-  
PEDAGÓGICAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO.**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Ensino de Geografia

Área de concentração: Ensino de Geografia.

**Orientadora:** Prof. Ms. Nathália Rocha Morais

**CAMPINA GRANDE  
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586c Silva, Vanessa Vasconcelos da.  
A categoria região no ensino de geografia [manuscrito] :  
práticas didático-pedagógicas no estágio supervisionado /  
Vanessa Vasconcelos da Silva. - 2021.  
24 p. : il. colorido.  
  
Digitado.  
Monografia (Especialização em Ensino de Geografia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.  
"Orientação : Profa. Dra. Nathália Rocha Morais,  
Departamento de Geografia - CEDUC."  
1. Ensino de geografia. 2. Estágio supervisionado. 3.  
Região. 4. Categorias geográficas. I. Título  
  
21. ed. CDD 372.89

VANESSA VASCONCELOS DA SILVA

**A CATEGORIA REGIÃO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: PRÁTICAS  
DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Especialização em Ensino de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Ensino de Geografia.

**Área de concentração:** Ensino de Geografia

Aprovado em: 19/08/2021. **BANCA EXAMINADORA**



Prof.<sup>a</sup> Ms. Nathália Rocha Morais (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.<sup>a</sup> Ms. Maria Marta dos Santos Buriti  
Universidade Federal da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Jonas Marques da Penha Universidade  
Federal de Pernambuco (UFPE)

A minha família, que incentivou a seguir  
no caminho da educação, DEDICO,

## SUMÁRIO

|     |  |    |
|-----|--|----|
| 1   | INTRODUÇÃO .....   | 05 |
| 2   | BREVE HISTORICO DA GEOGRAFIA ESCOLAR<br>BRASILEIRA.....  | 06 |
| 3   | OS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS COMO ELEMENTOS MENTAIS<br>PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO DE<br>GEOGRAFIA NO ESPAÇO ESCOLAR.....   | 09 |
| 4   | A IMPORTANCIA DA ADEQUADA CONSTRUÇÃO DAS<br>CATEGORIAS GEOGRÁFICAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UM<br>OLHAR PARA A CATEGORIA<br>REGIÃO..... | 11 |
| 5   | METODOLOGIA .....  | 13 |
| 5.1 | Caracterização do espaço de pesquisa.....  | 13 |
| 5.2 | Percurso das atividades.....   | 14 |
| 5.3 | Atividades desenvolvidas.....  | 15 |
| 6   | RESULTADOS E DISCUSSÕES .....  | 17 |
| 7   | CONSIDERAÇÕES FINAIS.....  | 21 |
|     | REFERÊNCIAS .....  | 22 |
|     | AGRADECIMENTO.....   | 24 |

## A CATEGORIA REGIÃO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: PRÁTICAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS NO ESTAGIO SUPERVISIONADO.

### STUDY OF THE REGION CATEGORY IN TEACHING GEOGRAPHY: TEACHING-PEDAGOGICAL PRACTICES IN SUPERVISED INTERNSHIP.

Vanessa Vasconcelos da Silva<sup>1</sup>  
Nathália Rocha Morais<sup>2</sup>

#### RESUMO

A geografia enquanto disciplina escolar representa uma das áreas do saber com amplo leque de possibilidades para o trabalho docente. Abrangendo as discussões acerca das transformações socioespaciais, essa disciplina encontra como pontos basilares de suas reflexões as categorias de análise: espaço, paisagem, lugar, território e região. Este trabalho tem como objetivo apresentar ações desenvolvidas durante o Estágio Supervisionado em Geografia/UEPB, este realizado na escola CEAI - Dr. João pereira de Assis, Catolé, Campina Grande/PB, cujo foco foi a abordagem da categoria geográfica região através do uso de alternativas didático-pedagógicas diversas. A escolha pela temática deve-se não apenas pela relevância do adequado entendimento dessa categoria de análise, como também pela importância do Estágio Supervisionado no processo de formação de professores. O estudo possui natureza qualitativa, apoiando-se na pesquisa bibliográfica e nos indicativos da pesquisa colaborativa, uma vez que o pesquisador é mediador e agente da pesquisa. A partir das experiências vivenciadas durante o estágio foi possível constatar a importância de se construir um conhecimento geográfico significativo juntos aos alunos da educação básica, especialmente inserindo os conteúdos propostos no cotidiano e espaço de vivência dos estudantes.

**Palavras-Chave:** Ensino de Geografia; Estágio Supervisionado; Região; Categorias Geográficas.

#### ABSTRACT

Geography as a school subject represents one of the areas of knowledge with a wide range of possibilities for teaching work. Covering the discussions about socio-spatial transformations, this discipline finds as basic points of its reflections the categories of analysis space, landscape, place, territory and region. This work aims to present actions developed during the Supervised Internship in Geography/UEPB, which was held at the CEAI school - Dr. João Pereira de Assis, Catolé, Campina Grande/PB, whose focus was the approach of the region through the use of diverse didactic pedagogical alternatives. The choice for the theme is due not only to the relevance of the adequate understanding of this category of analysis, but also to the importance of the Supervised Internship in the teacher training process. The study has a qualitative nature, relying on bibliographical research and on collaborative research indicators, since the researcher is a mediator and agent of the research. From the experiences lived during the internship, it was possible to see the importance of building significant geographic knowledge together with basic education students, especially by inserting the contents proposed in the students' daily life and space.

---

<sup>1</sup> Graduada em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba; pós-graduanda do curso de Especialização em Ensino de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba; atua como professora do ensino básico da rede particular de ensino de Campina Grande.

<sup>2</sup> Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba; atuou como professora substituta do Curso de Licenciatura Plena em Geografia e no Curso de Especialização em Ensino de Geografia, ambos da Universidade Estadual da Paraíba; atua como pesquisadora na área de ensino e formação de professores possuindo artigos publicados em diversos periódicos.

**Keywords:** Geography teaching; Phase; Region; Geographic categories.

## 1 INTRODUÇÃO

O processo de formação docente tem se constituído como alvo de constantes discussões que colocam em debate a importância das disciplinas pedagógicas na caminhada formativa para o magistério. Estas permeiam os cursos de licenciaturas através de discussões metodológicas, reflexões sobre o contexto educacional no país e por meio da inserção dos graduandos no espaço escolar através dos estágios supervisionados. Considerados verdadeiros divisores de águas na escolha pela profissão, os estágios oportunizam conhecer o ambiente e a dinâmica escolar de maneira ímpar possibilitando ao futuro professor não apenas observar a prática de professores da educação básica, mas criar seus próprios caminhos metodológicos para desenvolver posteriormente suas atividades profissionais.

A formação de professores de Geografia no Brasil tem início com a implantação da Faculdade de Filosofia Ciências de Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP) em 1937, possibilitando o desenvolvimento de diversas disciplinas como o departamento de Geografia em 1946. Mesmo após a implementação da formação superior no Brasil, o ensino de Geografia tinha como característica a memorização e voltado para um ensino tradicionalistas. Isso se faz presente no ensino de Geografia atual, construindo dia após dia uma base educacional voltada para o processo de ensino-aprendizagem.

No ensino de Geografia não costuma ser diferente, considerando que as práticas mnemônicas, tradicionais e enfadonhas, continuam sendo difundidas em sala de aula. De acordo com Carvalho e Azevedo (2014) o ensino de geografia no século XX seguia um padrão de atividades de perguntas e respostas no qual o professor organizava e transmitia aos alunos as informações que julgasse mais necessárias, de forma que não lhes agregava nenhum significado prático acerca da disciplina geográfica.

Partindo da necessidade de articulação entre teoria e prática, de modo a atribuir aplicabilidade aos conteúdos estudados ao ingressar preparar ao ingressar em um curso de formação técnica ou superior, o estudante tem como contribuição a sua formação a etapa do estágio supervisionado, que tem como objetivo o futuro profissional para o mercado de trabalho.

Atualmente, essa participação no estágio ultrapassa a parte da prática, mas tem como objetivo também, a pesquisa. Essa etapa do processo formativo abre caminhos para o estreitamento das relações entre escola e universidade representando um elo importante entre esses espaços e na articulação entre teoria e prática. Nessa perspectiva, cabe salientar a constante troca e construção de saberes múltiplos durante a realização dos estágios e interação entre graduandos, professor supervisor do ensino básico e professor supervisor da academia.

Nesse contexto, o espaço dos estágios representa a possibilidade de reafirmar a importância das categorias de análise geográfica para a adequada compreensão dos conteúdos da disciplina, entre elas a categoria região. A Geografia tem como princípios analíticos as categorias geográficas espaço, paisagem, lugar, território e região, sendo a última o foco deste trabalho. A região é uma categoria de análise pouco explorada no âmbito do ensino tendo vista sua complexidade e múltiplas possibilidades de apreensão. todavia, sua abordagem é de grande importância levando-se em consideração as discussões de natureza política, social, econômica e cultural que é capaz de suscitar. para Corrêa (2000, p.12) [...] “o conceito de região está ligado à noção fundamental de diferenciação de área, quer dizer, à aceitação da ideia de que a superfície da Terra é constituída por áreas diferentes entre si”.

Nesse sentido, a importância da correta apreensão desses conceitos pelos estudantes deve ser fator motivador para que o professor busque alternativas metodológicas que favoreçam a construção de um saber significativo, que seja atrativo aos alunos. Assim, este



estudo tem como apresentar ações desenvolvidas durante o Estágio Supervisionado em Geografia/UEPB, este realizado na escola CEAI - Dr. João pereira de Assis, Catolé, Campina Grande/PB, cujo foco foi a abordagem da categoria geográfica região através do uso de alternativas didático-pedagógicas diversas. a escolha pela temática deve-se não apenas pela relevância do adequado entendimento dessa categoria de análise, como também pela importância do Estágio Supervisionado no processo de formação de professores. A abordagem da categoria região, a partir do local de origem dos alunos é carregada de significados, ao mesmo tempo é também uma forma de apresentar a cultura regional, que muitos alunos ainda desconhecem.

A pesquisa realizada no ambiente escolar em conjunto com a escola tem como base os conceitos da pesquisa colaborativa que, de acordo com Desgagné (2007, p.09) “[...] uma pesquisa colaborativa su-põe a contribuição dos professores em exercício no processo de investigação de um objeto de pesquisa [...]”. Ou seja, um espaço em que o professor é também um agente da pesquisa. As categorias geográficas, devem embasar as aulas de forma a serem articuladas ao espaço de vivência dos alunos. Isto tende a facilitar o diálogo e aproximação dos estudantes aos conteúdos escolares. A partir das práticas realizadas no estágio supervisionado, surgiram inquietações sobre a necessidade de se construir saberes acerca das categorias de análise em conjunto aos alunos no ensino básico.

Diante das lacunas de aprendizagem relacionadas à correta compreensão e construção das categorias geográficas, a respeito do conceito de região foi possível verificar a necessidade de utilizar recursos didáticos que chamassem a atenção dos alunos, aproximando-os da disciplina. Os recursos propostos, charge, imagens, e o cordel, foram capazes de apresentar aos alunos, uma leitura sobre a Região Nordeste desconhecida pela maioria desmistificando estereótipos, construídos ao longo dos anos a respeito do nordeste e todos os elementos que o compõe.

Portanto, a pesquisa visa trabalhar de forma dinâmica os conceitos geográficos em conjunto com o estágio supervisionado, compreendendo o desenvolvimento dos agentes da pesquisa, sabendo que durante este percurso será necessário adequar as propostas, pois o ambiente escolar está em constante movimento. São desafios que ao mesmo tempo, contribuem para o crescimento dos alunos, como também do futuro professor.

## **2 BREVE HISTORICO DA GEOGRAFIA ESCOLAR BRASILEIRA**

A Geografia no Brasil, passa a ter um currículo escolar no final do século XIX, ainda com forte influência do ensino praticado na Europa. Para Albuquerque (2011, p.23): “No Brasil, nos primórdios desse período, a Geografia não se constituía especificamente como uma disciplina (escolar ou acadêmica), pois não constava nos currículos da escola básica, como também não havia uma produção acadêmica sistematizada”.

Os materiais usados eram produzidos na Europa, isso dificultou uma construção de conhecimento geográfico com os alunos da época, pois muitos conteúdos não tinham relação com os aspectos do Brasil. Apenas em 1837, é criada a primeira instituição escolar, o Colégio Imperial Pedro II, sendo este um modelo para as escolas implementadas posteriormente. Segundo Pessoa (2007, p.33):

A participação da geografia como disciplina escolar presente na estrutura curricular do Colégio Pedro II é de máxima importância, visto que, essa escola foi fundada com o objetivo de ser uma Instituição que se caracterizasse como uma verdadeira escola padrão, que servisse de modelo a ser seguido pelas demais escolas públicas e privadas existentes ou que viessem por ventura a existir no nosso país.

Em 1930 o ensino superior passa a ser institucionalizado no Brasil, e em 1934 é fundada a Faculdade de Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP). Na

sequência, é criado o departamento de Geografia em 1946. À luz de Pontuschka, (2009, p. 45):

A fundação da Faculdade de Filosofia e, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP), em 1934, e o Departamento de Geografia, em 1946, teve papel fundamental no desenvolvimento da ciência geográfica no país e na formação de licenciados para o ensino da disciplina. Do ponto de vista teórico, é importante registrar a profunda influência europeia sobre o desenvolvimento dessa ciência no Brasil, com destaque para a presença francesa, justificada pela nacionalidade dos primeiros mestres, entre os quais Pierre Monbeig e Pierre Deffontaines [...].

Também nesse período, foi criado o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o que alavancou positivamente o nível da Geografia no país. No entanto, a disciplina necessitava dar passos maiores para se estabelecer como ciência, pois os conteúdos ainda estavam associados a História e a Sociologia, e ainda ministrados por professores vindos da Europa. Silva (2009, p.5) aponta que, “Inicialmente, a formação superior em Geografia acontece juntamente com a História, em um único curso de graduação, cujos professores provinham, predominantemente, da Europa”.

A partir de 1961, com o auxílio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, é que se estabelece um currículo básico para os cursos superiores em todo território nacional. Logo após, em 19 de dezembro 1962, foi aprovado o primeiro currículo para o curso de licenciatura em Geografia, voltado apenas para o ensino da disciplina nas escolas de nível médio, sendo este o diploma oferecido pela Faculdade de Filosofia. Neste período o ensino, de forma geral, obteve grandes conquistas evolutivas em seu currículo e nas práticas pedagógicas. Entretanto, a ditadura militar no Brasil período de 1964 a 1984, desestruturou principalmente o espaço de algumas disciplinas. Com a lei 5.692/71, na qual realizou-se a fusão da Geografia e a História, criando os Estudos Sociais Silva (2009, p. 07):

Uma das consequências mais graves dessa reforma diz respeito à tentativa de eliminação da Geografia (e também da História) do currículo das escolas oficiais. Essa intenção ficou evidente e se efetivou com a promulgação da Lei nº. 5.692/71, que criava os Estudos Sociais e a gradativa eliminação da Geografia e da História da educação formal do país.

Com a introdução dos Estudos Sociais, a licenciatura foi dividida em Licenciatura curta, voltada para as séries do primeiro grau, enquanto a Licenciatura Plena era destinada para a séries finais no segundo grau. No fim do período militar, esse modelo de ensino passa a ser extinto, com apoio de associações como a AGB e ANPUH, retomando as disciplinas de Geografia e História e eliminando as licenciaturas curtas.

Sabe-se que a Geografia possui um estereótipo de disciplina chata, sem grande funcionalidade, isso ocorre como consequência das reformas sofridas no período militar e que retrata a forma como a Geografia é vista atualmente no Brasil. Após reivindicações de estudantes e de professores e com auxílio de entidades como a AGB, esse modelo de ensino acabou sendo eliminado gradativamente, (ROCHA, 2000).

O crescimento elevado do capitalismo, bem como a necessidade de inserção de novas tecnologias no mercado, acabou deixando a Geografia Tradicional obsoleta. Arelado ao desenvolvimento do capitalismo, estavam o crescimento urbano, agrário e das relações com o mundo globalizado, ou seja, a Geografia não poderia se resumir apenas a questões físicas/naturais da Terra, podendo abordar também, aspectos relacionados aos impactos do crescimento populacional, nas esferas urbana e econômica, que estavam em constante transformação.

A partir da década de 1980, inicia-se um movimento em busca de mudanças para o ensino de Geografia, buscando romper com os paradigmas da “Geografia clássica”, visto que o mundo iniciou seu processo de globalização, fazendo surgir inúmeros problemas, do ponto

de vista físico e social. Inicia-se uma nova era, com a “Geografia Crítica”, como aponta Moraes (2007, p.9): “Os geógrafos vão abrir-se para novas discussões e buscar caminhos metodológicos até então não trilhados”. O momento de renovação alastrou-se por todos os níveis do ensino, inclusive com a produção de materiais didáticos de qualidade e de artigos científicos, em busca de discutir e melhorar o ensino de Geografia:

[...] a AGB teve papel fundamental na promoção de encontros com o objetivo principal de refletir sobre o ensino e incentivar a produção de artigos sobre esse tema. A AGB nacional publicou, a partir de 1986, a revista Terra Livre, com temáticas previstas para cada volume, sendo o segundo volume, de 1987, inteiramente dedicado ao ensino de Geografia. (PONTUSCHKA, 2009, p. 68).

Na década de 1980, surge a Geografia Humanística no Brasil, tendo como precursora a Professora da Universidade de São Paulo, Livia de Oliveira, que teve papel importante nos desdobramentos desses estudos no país. Essa vertente da Geografia, é influenciada pelos estudos filosóficos sob a perspectiva fenomenológica, voltados essencialmente para a figura humana e suas manifestações no espaço geográfico. Segundo Malanski (2014, p.33) “Nota-se então, que no universo fenomenológico, pessoas formam uma realidade complexa com diferentes manifestações, como o corpo, o conhecimento, a vontade, a linguagem, a sociabilidade, a cultura, o trabalho, o jogo e a religião”.

A partir da nova LDB (Lei nº9394/96) o ensino da Geografia começa a enveredar por novos caminhos, criando na década de 1990 os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s, a fim de encaminhar as atividades educacionais e dar suporte para os currículos escolares, introduzindo temas transversais, a serem discutidos no ambiente escolar, como indica Pontuschka (2009, p. 75):

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Geografia para o ensino fundamental propõem um trabalho pedagógico que visa ampliar as capacidades dos alunos de observar, conhecer, explicar, comparar e representar as características do lugar em que vivem e de diferentes paisagens e espaços geográficos.

Atualmente os cursos de licenciatura, sobretudo o de Geografia, proporcionam uma base teórica e prática superior aos futuros professores. Mesmo com todas as ameaças políticas ao estudo dessa disciplina, a Geografia conseguiu se manter e evoluir. Exemplo disto, são as novas reformas que acontecerão no Ensino Médio até 2022, no qual os alunos terão “autonomia” para escolher que áreas do conhecimento desejam aprofundar, para a submissão ao ENEM.

### **3 OS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS COMO ETAPA FUNDAMENTAL PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO DE GEOGRAFIA NO ESPAÇO ESCOLAR.**

A educação no Brasil seguiu uma longa trajetória até ser institucionalizada. Considerando inicialmente o ensino informal, tendo como base principal a igreja, que em parte tinha a responsabilidade de instruir as crianças para além da educação catequética. Após este período, no qual o ensino era responsabilidade de tutores e preceptores, o Estado sente a necessidade de institucionalizar a educação. Carvalho e Azevedo (2014, p. 322), ressaltam que, [...] a educação catequética e a opção aristocrática de confiar a educação dos filhos a tutores e preceptores, antecedem a atuação do estado de criar os instrumentos que, afinal, permitiu a institucionalização escolar.

Logo, o ensino de Geografia reconhecidamente emerge no Brasil apenas na década de 1930, a partir da implementação da Faculdade de Filosofia Ciências de Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP). Embora as disciplinas escolares estivessem construindo uma base acadêmica:

[...] o ensino de geografia se estruturava em torno de temas correlatos, geralmente ensinados em outros campos disciplinares, ou então, como era muito comum à época, recorria-se ao uso de cartilhas com perguntas e respostas prontas, à maneira mnemônica, na qual cabia ao professor determinar, discriminar e descrever a sequência das lições a serem transmitidas aos alunos (Carvalho & Azevedo, 2014, p. 323).

Ou seja, a base da Geografia escolar por muito tempo perpetuou-se sobre bases de práticas conteudistas e ultrapassadas, com conteúdos embasados em grande parte nos estudos europeus, impossibilitando uma construção de saberes acerca do território brasileiro. Foi neste período que a formação profissional começou a estruturar um currículo que incluísse disciplinas e um momento dedicado a prática, Pontuschka (2009, p. 90) afirma que “Esse formato tradicional ficou conhecido como “modelo 3+1”, ou seja, três anos de bacharelado mais um ano de formação pedagógica – que muitos consideram como licenciatura –, acrescida de estágio supervisionado”.

Atualmente esse o estágio supervisionado é um componente curricular obrigatório em todos os cursos de licenciatura, ou seja. Segundo o artigo da Lei de Diretrizes e Bases 9.394/96 – Prática de Ensino. Por vezes esse componente acaba sendo apenas mais uma etapa da graduação. Segundo Godói (2010, p.26),

A prática de Ensino e o Estágio Supervisionado são significativos nos cursos de licenciatura plena e não deveriam ser realizados apenas como um cumprimento da grade curricular, mas sim contextualizados e comprometidos com a transformação social, unindo formação profissional e pessoal, responsabilidade individual e social.

Além das contribuições na formação docente, o estágio pode ser um campo rico de pesquisa, onde universidade e escola se encontram é nesta fase do curso que os estudantes decidem que caminho desejam trilhar. Silva e Melo (2016, p.99). afirmam que “[...] somente após a realização do estágio o aluno das licenciaturas terá certeza se desejará verdadeiramente trilhar os caminhos do magistério”. Esse é primeiro contato em sala de aula é um divisor de águas na vida do futuro professor, visto que, por vezes, esse primeiro contato não ocorre de forma positiva, seja por problemas estruturais da escola ou pelas adversidades encontradas em algumas turmas.

Ao ser inserido no ambiente escolar, o estagiário não sabe o que esperar, e começa a idealizar sua ação dentro do estágio. O primeiro contato pode ser acolhedor ou desafiador, considerando os obstáculos possivelmente encontrados em sala de aula, ponderando sempre, o fato de os alunos serem seres diversos, com compreensão de mundo específica a sua realidade. A Geografia assume papel importante neste aspecto, pois tem a responsabilidade de construir um indivíduo crítico, associando os conteúdos ao espaço de vivência dos alunos. Segundo Straforini (2008, p. 51):

Não podemos negar a realidade do aluno. A Geografia, necessariamente, deve proporcionar a construção de conceitos que possibilitem ao aluno compreender o seu presente e pensar o futuro com responsabilidade, ou ainda, preocupar-se com o futuro através do inconformismo com o presente. Mas esse presente não pode ser visto como algo parado, estático, mas sim em constante movimento.

A realidade do aluno deve ser o primeiro ponto a ser considerado no plano de ação das atividades escolares. Se não for pensado para a construção de saberes do discente, para quem e para que se está ensinando? O momento do estágio é a concretização da ação docente para o futuro professor, que estará sendo inserido em sala de aula para ensinar, mas também para aprender, errando e acertando, buscando evoluir sua prática.

Sabendo que os futuros professores estão também em um processo de aprendizagem, é importante que o estágio seja feito com seriedade. O estudante da licenciatura pode e deve utilizar esse momento como parte essencial em sua formação, compreendendo que ao observar as aulas do professor regente, ele estará construindo conhecimento acadêmico e pedagógico. A esse respeito, Carvalho e Azevedo (2014, p325) afirmam que:

[...] o estudante-professor, através do estágio supervisionado, passará a compreender o conteúdo de diferentes maneiras e sob diferentes ângulos. E, em função dos objetivos do processo de construção do conhecimento de seus estudantes, em diferentes situações do ensino-aprendizagem, o estudantes-professor preencherá de significados as ações pedagógicas, em particular a educação espacial, em suas características valorativas.

A formação acadêmica dá ao futuro docente uma base de conceitos que serão trabalhados na escola. No entanto, a construção do conhecimento acontece no momento da prática. Por isso, os conteúdos estudados no curso de licenciatura, é sempre desafiador para os estagiários desenvolverem as atividades inerentes aos estágios uma vez que, na maioria das vezes, não se estabelecem as devidas correlações entre os conteúdos estudados na academia e o como estes devem ser apresentados no espaço escolar.

O futuro professor, busca através do estágio construir sua própria identidade como profissional, traçando e criando caminhos singulares para a abordagem dos conteúdos da disciplina. Após uma breve sondagem, ele passa a pensar em mecanismos que auxiliem sua prática. Tudo é novo e imprevisível, considerando ainda o tempo escasso que o estágio é feito.

Isso é ressaltado desde o começo, quando já conhecemos essas como sendo as bases da Geografia. Após alguns anos de curso de Licenciatura Plena em Geografia, o aluno da graduação compreende a importância de inserir as categorias de análise ao abordar os conteúdos geográficos, pois esses são a base da disciplina, e são eles que norteiam a prática dos professores. Da mesma forma que ocorre nas aulas de professores formados deve acontecer nas práticas realizadas nos estágios em Geografia, pois são estes caminhos que serão percorridos durante toda jornada escolar.

#### **4 A IMPORTANCIA DA ADEQUADA CONSTRUÇÃO DAS CATEGORIAS GEOGRÁFICAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UM OLHAR PARA A CATEGORIA REGIÃO.**

A Geografia é a ciência que estuda a relação homem e natureza, ou seja, se não houver essa interação, a Geografia não poderia ser considerada como uma ciência autônoma. Assim, a disciplina geográfica está alicerçada nas categorias de análise, que são: espaço, paisagem, lugar, território e região. É a partir delas que se pode tratar os mais diversos fenômenos, físicos, sociais e culturais. Por um período da história, estudiosos tentaram explicar a Geografia, usando apenas uma ou duas categorias de análise. No entanto, o mundo se transformou não sendo possível utilizar apenas um conceito.

A utilização dos conceitos geográficos precisa ser planejada e sobretudo articulada para o ouvinte. Não adianta abordar inúmeros conceitos, utilizar diversas bases teóricas, se isso não puder ser compreendido por quem escuta. Segundo Andreis e Callai (2019, p.89) “Um

conceito constitui-se como abertura à reflexão que (não apenas), no ensino escolar, acarreta um elemento mediador às reflexões”. Ou seja, ele serve como o ponto de partida para uma conversa, uma forma de compressão sobre determinado tema.

Neste caso, as categorias geográficas são de extrema importância para o ensino acadêmico bem como para o ensino escolar, pois embasam teoricamente a relação homem-natureza. O espaço é a categoria mais ampla, pois pode ter diversos significados. Santos (1988, p. 71) declara que espaço pode definir uma [...] “sala de aula, do verde, de um país”. E ainda conclui dizendo que espaço “É um dos termos que mais possui verbetes nos dicionários e enciclopédias; e em alguns comparecem com centenas de sentidos diversos”. Ou seja, esta categoria define um “todo”, engloba inúmeras concepções, sendo assim, a base das demais categorias.

Outro conceito chave da Geografia é a paisagem. Esta categoria não está limitada apenas ao que vemos, mas a todos os sentidos. Não é algo estático, parado. Segundo Santos (1988, p. 61) “Tudo aquilo que nós vemos, o que a nossa visão alcança, é paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de cores, movimentos, odores, sons etc”. É importante que ao se trabalhar esta categoria no ensino básico, desmistificar a paisagem apenas ao belo, a “paisagem agradável aos olhos”, e sim mostrar aos alunos, que aquilo que conseguimos enxergar e sentir é paisagem.

É comum que ao se trabalhar paisagem, sejam apontadas as paisagens naturais e artificiais. De forma simples, paisagem natural é aquela que não foi modificada pelo homem e paisagem artificial aquela que foi transformada pelo homem. Santos (1988) acrescenta que “A paisagem é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério”. Ou seja, as paisagens se embarçam no cotidiano humano, sendo difícil distinguir ou mesmo separar uma da outra.

Logo o conceito de território flutua por diversos assuntos geográficos, tais como, violência, política, dominação. Como afirma Souza (2000, p.78) território [...] “é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e partir de relações de poder”, todavia, para trabalhar este conteúdo no ensino básico precisa-se de uma abordagem pensada para a turma em questão. A abordagem em escala maior pode não ser a melhor escola, então usar os fenômenos do cotidiano dos alunos, pode facilitar o processo de aprendizagem. Segundo Silva (2016, p. 19)

Tomando por base as relações sociais do cotidiano, devemos buscar maneiras e atividades nas quais os alunos possam entender o conceito de território relacionado a ações para dominar determinadas parcelas do espaço, com grupos sociais, limites, regras expressas ou não, estratégias etc., e que seus limites podem ser alterados.

Então o ambiente escolar torna-se um espaço viável para trabalhar o conceito de território e suas relações de poder. Sendo meio facilitador, para construção de conhecimento dessa categoria. Partindo para o conceito de lugar, compreende-se que este é um espaço afetivo, no qual o homem constrói uma relação com o espaço vivido. Silva (2016, p. 19) aponta que:

Diante das redes de relações que operam em abrangências cada vez mais amplas, podemos ter a noção global de lugar. Mas, é na escala mais próxima que existe a possibilidade de deslocamentos diários, criação de laços e uniformidades que configuram uma subjetividade e intersubjetividade, um sentido de lugar.

Ou seja, o conceito de lugar no ambiente escolar é a categoria, no qual se pode trabalhar a partir da afetividade, principalmente nos anos iniciais, onde se aborda conteúdos numa escala específica. Tuan (1983, p.37) “O lugar pode adquirir profundo significado para o adulto através do contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos”. Para a criança, esse

processo inicia numa escala menor, a partir das relações com pessoas próximas, com a casa que ela mora e posteriormente com a parte exterior, que pode ser a rua, o bairro ou a escola.

Quanto a região, ainda existe confusão para compreensão desta categoria. De forma geral, região pode ser conceituada a partir de diferenciação de áreas, sejam elas por características físicas, naturais, sociais ou culturais. Santos (1988, p. 47) nos mostra que “A região torna-se uma importante categoria de análise, importante para que se possa captar a maneira como uma mesma forma de produzir se realiza em partes específicas do planeta ou dentro de um país, associando a nova dinâmica às condições preexistentes.”

O que Santos aponta é que o conceito de região serve para compreender o modo de vida das pessoas e como elas transformam determinado recorte espacial. Isto pode remeter a uma escala global ou local. Um exemplo disto no ensino de Geografia, acontece quando estuda-se sobre questões econômicas mundiais, ou mesmo sobre os aspectos culturais em diversas áreas de um país, ou seja, [...] “o conceito de região está ligado à noção fundamental de diferenciação de área, quer dizer, à aceitação da ideia de que a superfície da Terra é constituída por áreas diferentes entre si”, Corrêa (2000, p.12)

A abordagem da região no ensino fundamental está presente principalmente acerca das macrorregiões do Brasil, podendo-se trabalhar diversas questões como Silva (2016, p. 22) aponta ao dizer que “No movimento da Geografia Crítica, adicionaram-se à concepção das regiões homogêneas variáveis que dizem respeito à acumulação, classes sociais, desigualdades, modos de produção”. Logo, esses aspectos podem ser estruturados para se trabalhar numa escala global ou mesmo regional, Santos (1988, p. 71), afirma que:

Compreender a região passa pelo entendimento do funcionamento da economia ao nível mundial e seu rebatimento no território de um país, com a intermediação do Estado, das demais instituições e do conjunto de agentes da economia, a começar pelos seus atores hegemônicos.

Portanto, conhecer o a base conceitual das categorias de análise da Geografia é possível realizar uma adaptação para o ensino básico ou mesmo para o ensino superior. Pensar em como e para quem fazer é o caminho para que os conceitos geográficos sejam simplificados e ao mesmo tempo, compreendido pelos estudantes.

## **5 METODOLOGIA**

### **5.1 Caracterização do espaço de pesquisa**

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. João Pereira de Assis, localiza-se na rua Manoel Alves de Oliveira, no bairro do Catolé em Campina Grande – PB (Figura 1). Atendendo a alunos do próprio bairro e também do Tambor, bairro próximo a escola, a instituição conta com um total de 374 alunos, do ensino infantil, ensino fundamental I, ensino fundamental II, Educação de jovens e adultos (EJA) e Educação especial.





**Figura 2- Estrutura física da escola.**



Fonte: Autoral, 2021.

A pesquisa foi realizada de forma qualitativa, com abordagem da pesquisa colaborativa na turma de 7º ano. Inicialmente buscou-se observar a turma, compreendendo suas necessidades bem como os conteúdos possíveis de serem trabalhados. Em seguida, foram analisados os recursos didáticos para auxiliar o processo de aprendizagem dos alunos, e por fim colocar o projeto de pesquisa em prática.

## 5.2 Percurso das atividades

O estágio supervisionado, é um momento primordial para a formação docente e, normalmente, ocorre nos períodos finais do curso de licenciatura. Esse é o ponto de partida para que o estudante da graduação tenha o primeiro contato com o ambiente escola. É nesse momento que se decide “ser professor”, pois com essa experiência é possível compreender a dinâmica escolar.

A Pesquisa foi direcionada a partir dos conceitos da pesquisa colaborativa, considerando a atuação de todos que fizeram parte da pesquisa. Bastos e Santos (2016, p.305) afirmam que, “A formação em contexto colaborativo necessita do compartilhamento das decisões por todos os envolvidos, que acabam por responsabilizarem-se pela produção conjunta, segundo suas necessidades, possibilidades e interesses. Ou seja o professor não somente transfere conhecimento, mas serve em sua essência como mediador na construção mútua de conhecimento, fazendo com que a turma seja protagonista da pesquisa.

No curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, os graduandos passam por disciplinas de prática de ensino até chegar no momento do estágio. O estágio conta com o suporte do professor da universidade, bem como com as orientações do professor do ensino básico. Buscando sempre, um plano para execução das aulas.

A primeira etapa do estágio de regência é conhecer a respectiva turma, e entender o comportamento e para quem será ensinado. Com o professor responsável pela disciplina de estágio, busca-se estratégias que auxiliem o estagiário nas intervenções. Então é pensado em conjunto o que ensinar e como ensinar, que tipo de metodologias e recursos didáticos podem ser úteis para obtenção de bons resultados no que diz respeito a formação do futuro professor, como também nas contribuições que serão deixadas para a turma que recebe o estagiário.

O professor regente foi receptivo sobre a ideias de intervenção, deixando a critério do estagiário o conteúdo e a metodologia que seriam utilizadas. O primeiro contato com a turma foi um momento de observação e aplicação de questionário, para conhecer melhor os alunos. A partir disso, compreendeu-se a necessidade de se trabalhar a categoria região, enfatizando a Região Nordeste, onde está localizado o estado da Paraíba.

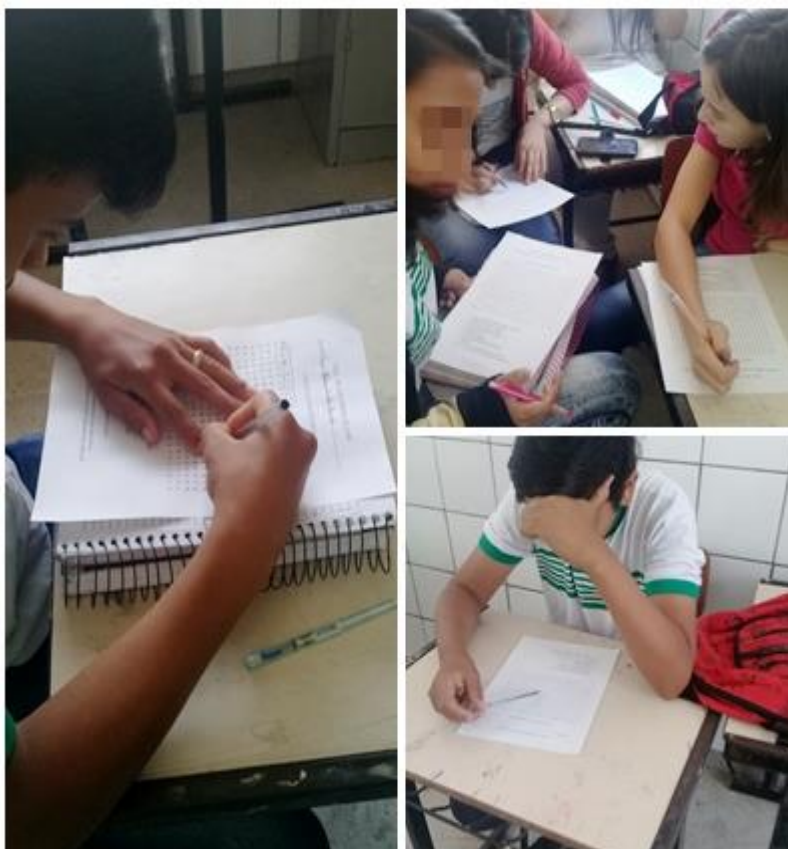
### **5.3 Atividades desenvolvidas**

A atividades realizadas em sala ocorreram em um período de sete encontros divididos em 3 momentos considerando os conteúdos trabalhados. O assunto a ser abordado baseia-se na categoria região. A meta estabelecida foi trabalhar os conteúdos de região sul, em seguida a região nordeste e por fim, a avaliação.

a) *Região Sul:* A primeira etapa teve início com o estudo sobre o conceito de região e sobre a região sul. Inicialmente os alunos não foram informados sobre o conteúdo. Para apresentar o tema, foi utilizado o planisfério e fotos da região sul. Após receberem as imagens, solicitou-se que as fotos fossem coladas no planisfério no local de onde a fotos supostamente foi registrada. Após esse primeiro contato, foi revelado o conteúdo a ser estudado e consequentemente a origem dos registros. Em seguida foram discutidos sobre os aspectos físicos naturais da região: relevo, hidrografia e clima.

Na aula seguinte foram abordadas questões sobre o Aquífero Guarani, compreendendo a formação do aquífero sua importância e as ameaças que este recurso sofre, a partir de uma leitura dirigida, do próprio livro didático com todos os alunos. O assunto seguinte foi uma breve introdução sobre a ocupação da região sul, no qual foram discutidos sobre a herança da cultura europeia, a influência na dança nas construções bem como das comidas típicas da região. No fim deste encontro, foi realizado uma atividade com o auxílio do caça-palavras abordando todos os assuntos estudados.

**Figura 3- Atividade com o caça-palavras.**



**Fonte:** arquivo pessoal da autora (2018).

Na aula seguinte, trabalhou-se com uma pequena produção textual sobre problemas ambientais como meio ambiente, desmatamento e poluição englobando todas as regiões do país e fazendo uma ponte para iniciar as discussões sobre a Região Nordeste.

*b) Região Nordeste:* No segundo momento, foram trabalhados os aspectos físicos-naturais da região nordeste. Foram abordados o clima, a vegetação e os problemas com os recursos hídricos, que assola toda a população do nordeste. Como recurso didático, utilizou-se o mapa do Brasil para localizar a região, e como atividade usou-se uma charge e a música *Vozes da Seca* de Luiz Gonzaga. Após leitura e interpretação da letra foi proposto uma atividade de produção textual, no qual os alunos deveriam relatar como eles compreendiam a falta de água e a administração dos recursos hídricos na região nordeste.

Na aula seguinte, a discussão gravitou sobre a diversidade cultural da região, destacando a música, religião as comidas típicas bem como a literatura de cordel. Para dar início a atividade, os alunos receberam um papel com uma palavra sobre aspectos da cultura em várias partes do Brasil, no qual o aluno deveria dizer se aquele aspecto fazia referência ao nordeste. Nesta atividade, os alunos tiveram estranhamento com alguns aspectos que fazem parte da construção da cultura nordestina, especialmente a respeito do candomblé, que é uma religião de origem africana e que ainda hoje é tabu para crianças e jovens. Durante a aula três alunos foram convidados para ler alguns cordéis para todos da turma, com o objetivo de a criatividade do povo nordestino em meio as adversidades.

**Figura 4- Leitura de Cordéis.**



**Fonte:** arquivo pessoal da autora (2018).

Finalizando as intervenções do estágio supervisionado, realizou-se uma atividade com o auxílio de um *quiz* de conhecimento acerca de todos os assuntos estudados sobre região. A turma foi dividida em dois grupos e uma pessoa dos grupos poderia realizar uma pesquisa sobre a pergunta, quem respondesse primeiro pontuava, a equipe com maior quantidade de pontos sairia vencedora da brincadeira.

O método avaliativo, considerou as atividades realizadas em sala, bem como participação e frequência dos alunos observando o desenvolvimento e envolvimento dos estudantes.

## 6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O estágio supervisionado é um dos momentos do curso de culminância da formação docente na graduação. Tem o propósito de introduzir o futuro professor no ambiente escolar proporcionando, na maioria das vezes, o primeiro contato do estagiário com a prática do ensino tantas vezes teorizada na universidade, mas que só é compreendida quando se vive a realidade no chão da escola.

Para o estágio de regência no ensino fundamental, o planejamento priorizou a abordagem sobre a categoria região dentro do conteúdo escolar da turma que foi designada a participar da pesquisa. Posteriormente, percebeu-se quais materiais seriam possíveis para iniciar o momento de intervenção. A escola não disponibilizava de muitos recursos, e os que dispunha necessitavam de um tempo para serem solicitados, então foi decidido que os recursos didáticos seriam mais acessíveis e simples possíveis, para que o estágio pudesse acontecer.

A princípio, utilizou-se o livro didático, mapas, imagens, charges, música e a literatura de cordéis. Para Fantin e Tauscheck (2005, p.102) “É preciso fugir da armadilha de aulas-espetáculo, em que muitos materiais são manuseados, observados, até construídos pelos



alunos, sem que haja compreensão do que estão fazendo nem clareza dos objetivos daquela atividade”. Ou seja, a utilização dos recursos precisa ser pensada e contextualizada com tema, fazendo sentido para quem os utiliza.

Para a primeira etapa de discussões sobre a Região Sul foi feito uso do planisfério disponível na própria escola e imagens (Figura 05). Foi possível perceber um estranhamento diante desta abordagem e até resistência de alguns alunos de se envolverem. No entanto Fantin e Tauscheck (2005, p.103) mostra que:

No ensino de Geografia, o uso de imagens (fotografias, filmes, desenhos, slides, fotos aéreas, cenas de telejornal, novelas, etc.) é sempre um recurso interessante. As imagens e as cenas nos revelam uma parcela da realidade, uma versão, cuja compreensão total exige pesquisas para além do que é visível.

Sobre os aspectos físicos da Região Sul, não houve muita interação por parte da turma. Então na aula seguinte, foi utilizado um caça-palavras (figura) sobre os assuntos iniciais do estágio. Pensando que sob o olhar dos alunos, esta é vista como um passa-tempo ou mesmo um jogo, fazendo com que toda a turma se envolvesse na atividade.

**Figura 5- Atividade com o planisfério.**



**Fonte:** arquivo pessoal da autora (2018).

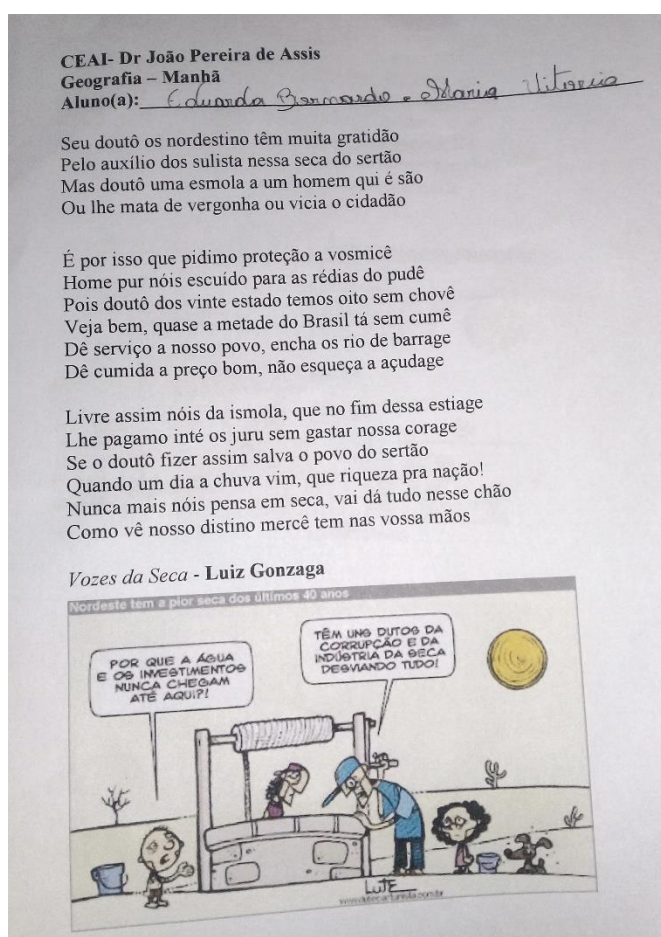
Para finalizar os conteúdos sobre a Região Sul, trabalhou-se com uma produção textual acerca dos problemas ambientais enfrentados no Brasil. Uma dificuldade perceptível nesta

atividade foi o baixo domínio da leitura e da escrita dos alunos. Isso tornou-se um obstáculo para concluir a atividade.

Na segunda etapa, cujo foco foi a região Nordeste, foram abordados os aspectos físico-naturais, com o olhar voltado para os problemas hídricos que o povo nordestino vem sofrendo ao longo dos anos. A proposta de fomentar discussões acerca do Nordeste, surge como uma forma de apresentar melhor a região em que os discentes estão inseridos, pois muitas vezes os indivíduos não conhecem o espaço vivido e suas características, fazendo com que eles valorizem aspectos de outras regiões.

Para esta intervenção foi utilizada a música *Vozes da Seca* de Luiz Gonzaga (figura 6) e uma charge para retratar esse problema. De acordo com Morais e Melo (2015, p. 180) “Trabalhar com poemas e canções em sala de aula desperta a atenção dos alunos que, em sua grande maioria, escutam músicas em seu cotidiano, assimilando facilmente o seu conteúdo”. A princípio, a canção de Luiz Gonzaga, de 1987 pode ser apontada como “antiga” ou “fora de contexto”, no entanto ela retrata a atual realidade de muitos nordestinos.

**Figura 6: Canção Vozes da Seca e charge.**



**Fonte:** arquivo pessoal da autora, (2018).

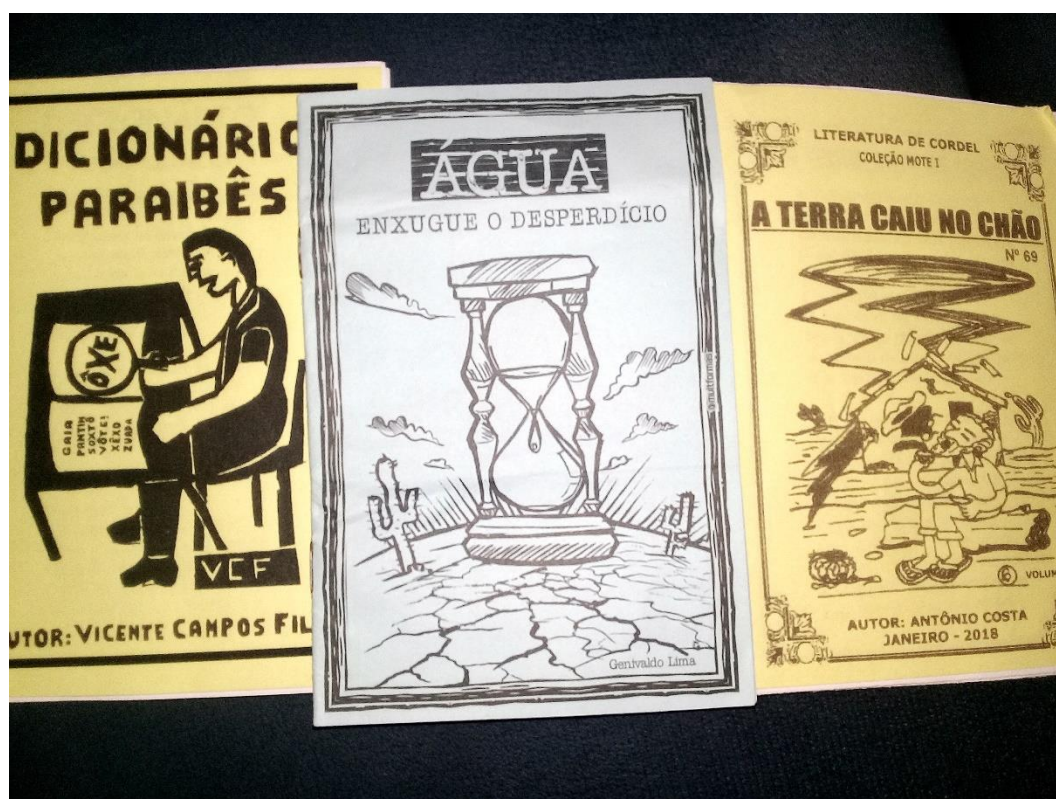
A charge (Figura 06) complementou aquilo que a música apresenta, só que de forma divertida e atrativa aos olhos dos alunos. Silva e Melo (2016) entendem que as atividades lúdicas são recursos por vezes vistos como atividades descompromissadas, que em nada agregam aos indivíduos, entretanto compreendeu-se que a partir de atividades simples foi possível envolver os alunos. Em outra etapa, tentou-se instigar nos discentes o interesse por questões sobre o Nordeste a respeito da cultura e da religião, que muitas vezes são considerados *tabus*, mas que fazem parte da construção histórica da região. Cada aluno

recebeu uma palavra sobre os aspectos citados, que poderia ser sobre a cultura de qualquer região brasileira, no qual eles deveriam indicar a partir da palavra, de qual região estávamos falando. Um ponto específico nesse momento ocorreu quando um dos alunos leu a palavra *candomblé*. Ficou nítida uma inquietação por parte do aluno e dos demais, no sentido de discriminar e rejeitar tudo que a envolve.

O *candomblé* entre outras palavras, foram inseridas nesse contexto propositalmente para levantar questões e iniciar diálogos com o intuito de desmistificar e quebrar preconceitos. A partir dessas palavras foi possível debater sobre alguns aspectos, provocando um posicionamento dos alunos.

A turma envolvida nesta pesquisa, não tinha o hábito de se envolver ou participar da aula, sendo necessário durante o estágio, tentar impulsioná-los a participar. Um desses momentos foi o uso da literatura de cordéis (Figura 07), no qual trazia informações trabalhadas nas aulas anteriores. Solicitou-se três voluntários para a leitura dos cordéis e o que chama a atenção é o envolvimento e a vontade dos alunos de participarem desse momento, cenário diferente de semanas anteriores.

Figura 7- Cordéis usados na última aula.



Fonte: arquivo pessoal da autora (2018).

A última atividade realizada foi um *Quiz de conhecimento* abrangendo todos os conteúdos. A turma foi dividida em duas equipes, cada equipe teria direito a um “pesquisador”, que ficaria responsável por ajudar nas respostas, com o auxílio das atividades realizadas no caderno e no livro didático. A atividade foi um sucesso, foi possível perceber que os alunos conseguiram compreender os conteúdos e que as atividades propostas, apesar de não serem aceitas no início, foram um caminho metodológico interessante que conseguiu contribuir com o processo de ensino-aprendizagem.

No planejamento das aulas do estágio, foram pensados os caminhos possíveis para se trabalhar determinados conteúdos. No caso da região, foi cogitado utilizar vídeos ou filmes,

como o *Auto da Compadecida*, para auxiliar o que já havia sido feito, pois segundo Brandão e Mello (2013, p. 92), “No estudo geográfico, a utilização de filmes e documentários são importantes na concepção do espaço e do tempo pelo aluno. Pode-se analisar, por exemplo, a sociedade capitalista europeia no século XIX, com suas características sociais e culturais”. No entanto, tudo depende de como caminha em sala de aula e dos materiais disponíveis na escola, e isso foi um ponto negativo.

O estudo dos conceitos geográficos da disciplina, é sobretudo o alicerce para a construção do conhecimento no âmbito da Geografia. Sendo necessário sobretudo, encaminhar as atividades de forma que os discentes compreendam e associem as categorias com os conteúdos escolares. Por isso, não basta ter inúmeros recursos e não os utilizar como meio para se chegar à compreensão da categoria proposta. A partir do estágio na Escola Dr. João Pereira de Assis, pode-se perceber que mesmo com dificuldades, mas realizando as intervenções com seriedade, é possível contribuir com o ambiente escolar fazendo uma ponte com a pesquisa iniciada na universidade.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esta pesquisa ratifica-se o quanto as licenciaturas e o ambiente escolar precisam caminhar juntos. É notória a evolução das experiências proporcionadas pelo estágio supervisionado, sempre buscando uma troca de saberes entre a pesquisa e a prática, pensando possibilidades de intervenções interessantes com propósito de influenciar positivamente na construção de conhecimento.

O início das atividades na escola é sempre desafiador, tendo em vista que os alunos não estão habituados com a didática e a presença de outro professor. Inicialmente houve estranhamento e resistência por parte dos educandos, que muitas vezes diziam preferir “aula normal”. É compreensível que haja medo diante de algo novo. O ponto positivo é que esse momento passou, e eles puderam conhecer a Geografia com outro olhar.

Considerando o tempo de estágio, observa-se que o mesmo dispõe de pouco tempo de regência em sala de aula para que se construa uma conexão com os alunos. Ao contrário de alguns programas como PIBID e Residência Pedagógica que promovem encontros mais profundos com as turmas, fazendo com que a prática de ensino para os futuros professores seja mais tranquila, pois há um tempo maior para conhecer a turma e planejar as intervenções.

Sobre o conceito de região no estágio, só há pontos positivos a se ressaltar. Como já foi citado nesta pesquisa, as categorias de análise são basilares para a disciplina geográfica, e é o que dá significado para as aulas. Então, apresentar a região para os alunos, foi de extrema importância, tendo em vista que foi possível apresentar características já conhecidas por eles, por se tratar da região que eles vivem, ou mesmo mostrar algo novo, aspectos desconhecidos que foram abordados em sala de aula.

Em síntese, compreende-se que os recursos utilizados não são completamente funcionais dentro da sala de aula, visto que ela é formada por indivíduos únicos. Isso reforça que quando se planeja as atuações em sala de aula, deve-se considerar contratempos e faz com que o professor se reinvente a todo momento. Assim, acredita-se que o trabalho feito na escola teve bons resultados, e que planejamento e prática cumpriram seu papel em sala de aula, bem como na experiência do estágio de regência. Que experiências como essas, possam ter continuidade, pois não resta dúvidas que a escola e a pesquisa são aliadas para que se eleve o nível de ensino da Geografia.



## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, M. A. M. de Dois momentos na história da Geografia escolar: a Geografia clássica e as contribuições de Delgado de Carvalho. **Rev. Bras. Educ. Geog.**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 19-51, jul./dez., 2011.
- ANDREIS, A. M. CALLAI, H. C. Alicerces às aulas: princípios, conceitos e categorias geográficas. **Revista Ensino de Geografia** (Recife). V. 2, N°. 3, 2019.
- BRANDÃO, D. N. MELLO, C. O. Recursos didáticos no ensino de geografia: tematizações e possibilidades de uso nas práticas pedagógicas. **Revista Geografia e Pesquisa**. v. 7, n. 2, 2013.
- CARVALHO, L. E. P. AZEVEDO, S. L. M. Dialogo com e para a formação do professor no Estágio Supervisionado em Geografia. A formação DOCENTE EM Geografia: teorias e práticas. FARIAS, P. S. C. OLIVEIRA, M. M. de (Orgs.) Campina Grande: EDUFPG, 2014.
- CORREIA, R. L. **Região e organização espacial**. Editora Ática. 7° ed. São Paulo, 2000.
- FANTIN, M. E. TAUSCHECK, M. N. **Recursos/ Metodologias para o ensino de Geografia**. Curitiba: Ibepex, 2005.
- DESGAGNÉ, S. O conceito de pesquisa colaborativa: a idéia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos. **Revista Educação em Questão**, Natal, v.29, n.15, o.7-35, maio/ago. 2007.
- FRANCO, M. A. S. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v.31, n.3, p. 483-502, set/dez. 2005.
- GODOI F, B. de A prática de ensino e o estágio supervisionado. *In: Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado*. PASSINI, E. Y. PASSINI, R. MALYSZ, S. T. (Orgs.) 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- MALANSKI, L. M. Geografia humanista: percepção e representação espacial. **Revista Geográfica de América Central**. N° 52.2014, pp. 29-50.
- MORAES, A. C. R de. **Geografia: pequena história crítica**. Annablume. ed, 21. São Paulo, 2007.
- MORAIS, N. R. MELO, J. A. B. de. Discutindo as categorias geográficas no ensino médio a partir de novas metodologias didáticas. **Revista de Geografia** (UEPE) V. 32, No. 1, 2015.
- PESSOA, R. B. **Um olhar sobre a trajetória da Geografia escolar no Brasil e a visão dos alunos de ensino médio sobre a geografia atual**. 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2007.
- PONTUSCHKA, N. N. **Para ensinar e aprender Geografia**. Cortez, 1° ed. São Paulo, 2007.
- ROCHA, G. O. D. da. Uma breve história do(a) professor(a) de Geografia no Brasil. **Terra Livre**, São Paulo, n.15, p.129-144, 2000.

SANTOS, M. **Metamorfose do Espaço Habitado: fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. Hucitec. São Paulo, 1998.

SILVA, J. G. MELO, J. A. B. de Estágio supervisionado em geografia e atividades lúdicas como proposta para dinamização das aulas. **Revista de Geografia**. (Recife) V. 33, No. 2, 2016.

SILVA, F. das C. R. da. **Formação do Professor de Geografia no Brasil: trajetória e implicações no ensino**. Congresso Internacional da Associação Francófona Internacional de Pesquisa Científica em Educação – AFIRSE / V Colóquio Nacional da Seção Brasileira, 2009. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB. V. Único.

SILVA, V. R. J. da. Os conceitos geográficos e sua importância na formação do professor para uma didática escolar. In: **Revista Digital Simonsen**. Rio de Janeiro, n.4, Jun. 2016.

STRAFORINI, R. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas series iniciais**. 2º edi. São Paulo: Annablume, 2008.

SOUZA, M. J. L. de. Território: sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro, Bertrand, Brasil. 2000.

TUAN Y. Espaço, Lugar e a Criança. In: **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo, DIEFEL, 1983.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me sustentado até aqui. Em meio ao caos ter sido minha fortaleza. Por ter cuidado de cada detalhe. Por ter me amparado nos momentos de aflição.

Agradeço a minha família, por ser minha base e principal estímulo para seguir nesta jornada. Aos meus pais Afonso e Luciana, que sempre me incentivaram em escolher os estudos. Ao meu esposo Emerson, por estar ao meu lado, por ser um companheiro de vida incrível. A minha prima Waleska, pela troca de experiências e incentivo.

Ao meu amigo de graduação e de vida Nádson, por me estimular a seguir na docência e por estar comigo nos momentos em que eu pensei em desistir. As minhas amigas de especialização Dalila, Luciene e Ariana, por contribuir na minha formação e por me ajudarem nesse caminho.

A todos os (as) professores (as) do Departamento de Geografia, por contribuírem com minha formação, com dedicação e comprometimento.

A minha orientadora Prof. Ms. Nathália Rocha Morais, por todas as leituras sugeridas e colaborações neste trabalho.

A coordenadora Joana D'arc Araújo Ferreira Nóbrega, por seu empenho e disponibilidade.

A Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, que é símbolo de resistência, oferecendo o caminho do conhecimento em meio a tantos desmontes na educação do país.

A todos que de alguma forma auxiliaram e contribuíram para que eu pudesse alcançar mais uma conquista acadêmica, muito obrigada.